

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: A FORMAÇÃO DE EMPREENDEDORES POR INSTITUIÇÕES PÚBLICAS NO ESTADO DO PARANÁ

ENTREPRENEURIAL EDUCATION: THE TRAINING OF ENTREPRENEURS BY PUBLIC INSTITUTIONS IN THE STATE OF PARANÁ

ÁREA TEMÁTICA: ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO

Cesar Eduardo Abud Limas, UEPG, Brasil, cesar.adm.uepg@gmail.com

Gislaine Martinelli Baniski, UEPG, Brasil, gislainebaniski@hotmail.com

Sergio Vogt, USC - Centro Universitário UniSantaCruz, Brasil, sergiogvt@gmail.com

Rafael Carvalho Machado, PPGA Universidade Positivo, Brasil, rafael.machado@gmail.com

Resumo

O objetivo do estudo é identificar as ocorrências da Educação Empreendedora (EE), para além das disciplinas específicas, e distinguir particularidades da formação de empreendedores no contexto das instituições públicas de ensino superior (IES) no Estado do Paraná. A metodologia utilizada foi a pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, por meio de análise documental de projetos pedagógicos e entrevista a docentes de IES. Foram adotadas análise das ementas por meio do software Iramuteq e aplicação de *focus group* para averiguação da aplicação dos conteúdos em sala de aula. Como resultado, o estudo demonstra as principais temáticas abordadas no ensino do empreendedorismo, os cursos e localidades que tem se dedicado a explorar esta formação e as práticas de sala de aula que tem contribuído para a EE. Como contribuição teórica e metodológica, o estudo permite avançar na caracterização do ensino do empreendedorismo, a metodologia pode ser replicada e comparada a outros contextos, além de poder ser utilizado como base para fomentar o empreendedorismo em políticas públicas, planejamento institucional em IES e demais organismos.

Palavras-chave: Educação Empreendedora; Training; Aprendizagem; Empreendedorismo

Abstract

The objective is to map the entrepreneurial education landscape in public higher education institutions (HEIs) in the State of Paraná, seeking to distinguish the features of training entrepreneurs in the context studied. The methodology used was descriptive research with a qualitative approach, through documentary analysis of pedagogical projects and interviews with HEI teachers. The analysis of the data was adopted using the Iramuteq software and focus groups to investigate the classroom practices. As a result, the study demonstrates the main topics addressed in the teaching of entrepreneurship, the courses and locations that have been dedicated to exploring this training and the classroom practices that have contributed to entrepreneurial education. As a theoretical and methodological contribution, this study allows to advance the characterization of the entrepreneurship education, the methodology can be replicated and compared to other contexts, in addition to being used as a basis to promote entrepreneurship in public policies, institutional planning in HEIs and other organisms.

Keywords: *Entrepreneurial Education; Formation; Learning; Entrepreneurship*

1. INTRODUÇÃO

No início do século XX, o economista Joseph Alois Schumpeter ressaltou aspectos que dizem respeito ao indivíduo enquanto um agente que empreende e que atua no processo de

desenvolvimento econômico (Schumpeter, 1997). Nesse mesmo período, em que se atribuía ao indivíduo a responsabilidade em promover crescimento econômico por meio da criação de novos negócios, em outros campos de estudo, como por exemplo, da educação e da psicologia, também havia o interesse em uma análise individual, nesse caso, na observação de aspectos do desenvolvimento humano, como o da aprendizagem (Kolb, 1984).

Entretanto, por muito tempo não houve esforço significativo em se observar a relação dessas duas importantes (e complementares) áreas do conhecimento – empreendedorismo e aprendizagem. Levantamentos sistemáticos da literatura (Vogt & Bulgacov, 2019a; Wang & Chugh, 2014) identificam somente na década de setenta estudos sobre a aprendizagem de empreendedores. Lamont (1972), embora tenha levantado tal questionamento, não desencadeou uma agenda de pesquisa, pois a responsabilidade acadêmica do ensino do empreendedorismo foi enfatizada quase uma década depois (Tucker Jr., 1981), quando parecem terem sido incentivadas pesquisas sobre educação empreendedora (EE) (Ribeiro & Plonski, 2020).

Evidência desse novo foco de estudo é a medida em que surgiram trabalhos que se dedicaram em estudar a EE, especialmente a partir da década de 90 (Borba, Hoeltgebaum, & Silveira, 2011). Isso ocorreu em diferentes lugares, no continente europeu, por exemplo, Dana (1992) descreveu o rápido e emergente interesse nessa temática naquele contexto. Ou então, na África, conforme revelaram Masten, Brown, e Skull-Carvallio (1993), ao apresentarem um projeto piloto de educação com o propósito de desenvolver materiais que instruísem estudantes sobre os benefícios do empreendedorismo.

Juntamente com esses estudos surgiram também, naquele mesmo período, pesquisas com a proposição de modelos teóricos, como por exemplo, Festervand e Forrest (1993) que introduziram o conceito de preparação empreendedora enquanto uma proposta que enfatizava a educação, a experiência e a planejamento no processo de preparo para a “carreira” empreendedora. E também Young e Sexton (1997), que apresentaram um framework conceitual sobre o aprendizado de empreendedores, ressaltando o papel dos educadores como facilitadores no processo de EE.

Mas o fato de serem identificadas pesquisas sobre a educação e a aprendizagem para o empreendedorismo somente nesse período não significa que isso não ocorria anteriormente. O ensino (e, conseqüentemente, a aprendizagem) do empreendedorismo, enquanto disciplina, já era ofertado desde o período pós II Guerra Mundial nos Estados Unidos (de Lima Ribeiro, Oliveira, & de Araujo, 2014; Henrique & Cunha, 2008). No Brasil, foi em meados da década de 80 que o ensino do empreendedorismo no contexto acadêmico teve seu início, popularizando-se no decorrer dos anos 90 em diferentes escolas de negócio (De Muylder, Dias, & Oliveira, 2013). Isso levou, ao final desse período na esfera nacional, a um aumento das discussões sobre a EE em diferentes níveis educacionais (Andrade & Torkomian, 2001; Dolabela & Filion, 2013).

De lá para cá, percebe-se que a educação do (ou “para o”) empreendedorismo cresce, se desenvolve e ‘veio para ficar’ (Fox, Pittaway, & Uzuegbunam, 2018; Marcovitch & Saes, 2020). Diante desse desenvolvimento, estudos se dedicaram a compreender como isto está sendo feito e como fazer isso (Fayolle, 2013). Sabe-se que uma abordagem tradicional, ou seja, somente a educação formal, não é suficiente para atender as atuais demandas exigidas aos novos empreendedores (Ghobril, Baker, Rokop, & Carlson, 2020). Por isso, atendendo a necessidade de aprofundamento nas análises que revelem a dinâmica da EE em determinado contexto (Ribeiro & Plonski, 2020), esse trabalho tem a finalidade de identificar a ocorrência do oferecimento da EE, para além das disciplinas específicas relacionadas com a formação de

empreendedores, e distinguir particularidades da formação de empreendedores no contexto das instituições públicas de ensino superior (IES) no Estado do Paraná.

Para tanto, primeiramente, realizou-se um mapeamento da oferta de disciplinas ligadas a EE. Esse primeiro passo oportuniza um avanço para além de um mapeamento descritivo, uma vez que se realizou um aprofundamento na investigação dessa oferta de formação para o empreendedorismo, conforme sugerido por Lima, Cunha, e Nassif (2020). Isso nos permite distinguir particularidades e identificar características da EE no contexto estudado. Esse olhar investigativo ocorre em um momento em que o governo do Estado do Paraná avança na tendência de oferecer formação para o empreendedorismo na educação básica, seguindo o que já foi feito anteriormente em outros estados brasileiros (Marcovitch & Saes, 2020), porém, ainda sem um plano integrado de EE.

Soma-se a isso, o interesse em conhecer como vem sendo desenvolvida a formação adulta para o empreendedorismo, uma vez que, enquanto parte da formação profissional, a EE pode ser considerada como aspecto central da preparação empreendedora. Ou seja, se o processo de empreender envolve a utilização de vários elementos, dentre os quais o know-how (Cope, 2005; Wang, Rafiq, Li, & Zheng, 2015) que pode ser desenvolvido com a experiência no dia a dia durante a criação e o gerenciamento de algum empreendimento, defende-se que também pode ser compartilhado dentro de uma sala de aula, no decorrer do processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, para que se caminhe em direção ao atingimento dos objetivos aqui propostos, a próxima seção apresenta o quadro teórico que fundamenta esse trabalho e em seguida serão descritos os aspectos metodológicos que norteiam a investigação empírica realizada. Na sequência, são apresentados os dados obtidos e é realizada uma discussão com base nesses resultados. E, ao final, são expostas as considerações finais para essa pesquisa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Aprendizagem Empreendedora: Fruto do ensino para o empreendedorismo?

Após o campo da pesquisa acadêmica perceber a importância e a relevância de colocar os temas, agora complementares, do empreendedorismo e da aprendizagem para conversarem, houve progressos nas pesquisas endereçadas ao processo de aprendizagem de empreendedores (Vogt & Bulgacov, 2019a, 2019b; Wang & Chugh, 2014). A aprendizagem empreendedora (AE), como guarda-chuva temático que envolve a EE, enfatiza a relação entre o aprender e o empreender (Nogueira, 2019). Nesse sentido, destaca-se que a aprendizagem se conecta com o ensino para o empreendedorismo e vice-versa (Araujo & Davel, 2019).

Essa lógica de conectividade aparece nas pesquisas iniciais sobre AE, especialmente as que defendem que a aprendizagem dos empreendedores, dentro de uma perspectiva cognitiva, se caracterizava na aquisição, retenção e no uso do conhecimento empreendedor (*entrepreneurial knowledge*) (Vogt & Bulgacov, 2018; Young & Sexton, 1997). As primeiras tentativas de descrição do processo da aprendizagem empreendedora, portanto, consideravam que o conhecimento adquirido se refere a conceitos e habilidades que os empreendedores adquirem e usam durante o processo de formação pessoal, mas também de constituição e desenvolvimento de um empreendimento.

Esses pontos podem ser desenvolvidos no decorrer de um processo de formação educacional. A questão se empreendedores “nascem empreendedores” ou “se tornam empreendedores” (Rae, 2000) já foi alvo de pesquisas no decorrer das últimas décadas que trouxeram uma resposta clara: empreendedores se constituem dentro de um processo de aprendizado (Cope, 2011;

Cowdean, Whitby, Bradley, & McGowan, 2019; Vogt & Bulgacov, 2019b). Esse processo da constituição da aprendizagem empreendedora e a interligação entre diferentes elementos que compõem o aprendizado foi apresentado inicialmente por Rae (2004, 2005).

Com isso vieram implicações para a pesquisa (e para a prática) da EE. Mesmo havendo perspectivas a favor do aprendizado pelo fazer (*learning by doing*) (Jason Cope & Watts, 2000) e de novas pesquisas que também atribuíam a experiência como fonte principal da aprendizagem empreendedora (Pittaway & Cope, 2007; Politis, 2008), as pesquisas envolvendo o aprendizado do empreendedorismo no contexto educacional foram influenciadas pelos elementos apresentados por David Rae. Assim, diversos trabalhos se voltaram para a pesquisa, por exemplo, do impacto do ambiente educacional na formação de empreendedores (Ghobril et al., 2020; Pihie, Bagheri, & Sani, 2009; Pittaway, Missing, Hudson, & Maragh, 2009; Rae, Gee, & Moon, 2009).

Na esfera nacional, houve um movimento de reflexão dedicado em discutir a dicotomia entre o ensino *versus* o aprendizado do empreendedorismo (Gomes, 2000). Porém, o debate sobre a temática da aprendizagem empreendedora permaneceu adormecido (Vogt & Bulgacov, 2019a), sendo retomado especialmente nos últimos dez anos (Dias & Martens, 2016; Fortes, Lopes, & Teixeira, 2016; Vogt & Bulgacov, 2019b; Zampier, 2010; Zampier & Takahashi, 2011, 2014), como ocorreu com os estudos sobre a EE (salvo algumas exceções) (ver em Araújo & Davel, 2018).

Estas pesquisas concentravam-se na análise de habilidades e competências empreendedoras e nas práticas e metodologias utilizadas no ensino para o empreendedorismo, especialmente na investigação da orientação empreendedora de estudantes (Araújo & Davel, 2018). Isso reforça a ideia de que compreender o impacto da educação (e da aprendizagem) empreendedora por meio do ensino para o empreendedorismo (Barbosa, Da Silva, Gonçalves, & De Moraes, 2020; Ghobril et al., 2020) pode contribuir com a constituição de futuros empreendedores para atuarem no desenvolvimento social e econômico nos diferentes contextos em que atuarem.

Assim, uma vez apresentados aspectos relativos ao tema da aprendizagem empreendedora, e fazendo-se necessário ir além na investigação da educação como componente da preparação empreendedora (Wang, Rafiq, Li, & Zheng, 2014), na próxima seção será abordado sobre a temática da educação empreendedora.

2.2 Educação Empreendedora: Percorso para a preparação empreendedora

A temática da EE, como componente da preparação empreendedora, teve em Jason Cope um de seus maiores defensores dentro da esfera acadêmica (J. Cope, 2005; Jason Cope, 2011; Jason Cope, Cave & Eccles, 2008). Conjuntamente com Luke Pittaway, Cope sugeriu a aplicação da lente teórica da aprendizagem empreendedora na educação em empreendedorismo (Jason Cope & Pittaway, 2005). Essa parceria resultou mais tarde em outro trabalho que, centrado no ensino do empreendedorismo, ilustrou como é possível simular aspectos da aprendizagem empreendedora, reconhecendo as dificuldades em se converter os desafios e as complexidades envolvidas na criação de um novo empreendimento dentro do contexto educacional (Pittaway & Cope, 2007).

Tem-se assim o reconhecimento de que a EE tem papel relevante no processo de formação de empreendedores. O interesse em observar essa relação vem crescendo no contexto internacional (Blenker, Elmholdt, Frederiksen, Korsgaard, & Wagner, 2014; Fayolle, 2013), desde a década de 90. Por exemplo, em Israel, o trabalho de Shimron e Klos (1996) discutiu a introdução da EE no sistema educacional israelense; na China, em meados 2002, foi lançado um programa de

EE conduzido pelo Ministério da Educação, investigada por Zhou e Xu (2012; na Malásia, após o governo também promover a educação para o empreendedorismo em todo o país, Shamsudin, Al Mamun, Nawi, Nasir, e Zakaria (2016b) realizaram um estudo e depois uma revisão do mesmo (Shamsudin, Al Mamun, Nawi, Nasir, & Zakaria, 2016a) no qual pesquisaram as políticas e as práticas da EE naquele contexto e seus efeitos na intenção empreendedora de estudantes; no Reino Unido, em 2012, foi desenvolvido um guia com orientações para educadores envolvidos com estudantes com a finalidade de fornecer um roteiro para a EE (Bellingham et al., 2012) (esse material foi revisado e lançado novamente em 2018 para ser aplicado em iniciativas educacionais ao redor do mundo e não apenas na Europa).

Esses exemplos apresentam *cases* ou formas de se promover a EE e observar seus impactos (para mais detalhes sobre o impacto da EE ver Vanevenhoven & Liguori, 2013). São também identificados estudos na literatura que propõem métodos para a adoção de ações voltadas para a EE. A seguir, o quadro 1 sintetiza alguns exemplos identificados na literatura, classificados pelo tipo de contribuição para a compreensão da EE.

REFERÊNCIA	OBJETIVO/CONTRIBUIÇÃO
Spiteri, S., & Maringe, F. (2014). EU entrepreneurial learning: perspectives of university students. <i>Journal of Enterprising Communities</i> , 8(1), 51-70.	Explorar os pontos de vista de estudantes sobre sua compreensão da pedagogia utilizada para o ensino do empreendedorismo.
Vanevenhoven, J., & Drago, W. A. (2015). The Structure and Scope of Entrepreneurship Programs in Higher Education around the World. In D. RAE & C. L. WANG (Eds.), <i>Entrepreneurial Learning: New perspectives in research, education and practice</i> (pp. 117-133). New York: Routledge Taylor & Francis Group.	Destacar a obtenção e a distribuição de recursos (humanos e financeiros) em mais de 300 universidades que buscam desenvolver e implementar programas de educação empreendedora.
Täks, M., Tynjälä, P., & Kukemelk, H. (2016). Engineering students' conceptions of entrepreneurial learning as part of their education. <i>European Journal of Engineering Education</i> , 41(1), 53-69.	Examinar que tipos de concepções de aprendizagem empreendedora estudantes de engenharia destacam em um curso de empreendedorismo integrado à sua formação.
Muhe, A., & Tawe, A. (2016). The effect of the entrepreneurial learning design on students' entrepreneurial competence in vocational high schools in Makassar. <i>International Journal of Environmental and Science Education</i> , 11(9),	Determinar em que medida o projeto de aprendizagem empreendedora influencia a competência empreendedora de alunos.
Robinson, S., Neergaard, H., Tanggaard, L., & Krueger, N. F. (2016). New horizons in entrepreneurship education: from teacher-led to student-centered learning. <i>Education + Training</i> , 58(7/8), 661-683.	Contribuir para a discussão sobre como mudar de um modelo de aprendizagem em educação empreendedora liderado por professores para modelos de aprendizagem mais centrados nos alunos.
Amadi-Echendu, A. P., Phillips, M., Chodokufa, K., & Visser, T. (2016). Entrepreneurial Education in a Tertiary Context: A Perspective of the University of South Africa. <i>The International Review of Research in Open and Distributed Learning</i> , 17(4), 21-35.	Explorar o potencial da universidade em se tornar um espaço que fomente o empreendedorismo contribuindo no combate de desafios como o desemprego e altos índices de falência de pequenos negócios.
Secundo, G., Del Vecchio, P., Schiuma, G., & Passiante, G. (2017). Activating entrepreneurial learning processes for transforming university students' idea into entrepreneurial practices. <i>International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research</i> , 23(3), 465-485.	Explorar como processos de aprendizagem empreendedora entre empreendedores e estudantes universitários pode aprimorar práticas empreendedoras.
Hoppe, M., Westerberg, M., & Leffler, E. (2017). Educational approaches to entrepreneurship in higher education: A view from the Swedish horizon. <i>Education + Training</i> , 59(7/8), 751-767.	Apresentar e desenvolver modelos de abordagens educacionais para educação empreendedora que forneçam estruturas analíticas para a reflexão do papel do empreendedorismo no ensino superior.
Fox, J., Pittaway, L., & Uzuegbunam, I. (2018). Simulations in Entrepreneurship Education: Serious Games and Learning	Ampliar a compreensão da prática educacional em empreendedorismo concentrando-se em jogos, especificamente em simulações de computador.

Through Play. <i>Entrepreneurship Education and Pedagogy</i> , 1(1), 61-89.	
Igwe, P. A., Okolie, U. C., & Nwokoro, C. V. (2019). Towards a responsible entrepreneurship education and the future of the workforce. <i>The International Journal of Management Education, In Press</i> , 1-11.	Explorar como a educação para o empreendedorismo pode ser adotada para melhorar habilidades de graduandos e para preparar futuros profissionais.
Middleton, K. W., Padilla-Meléndez, A., Lockett, N., Quesada-Pallarès, C., & Jack, S. (2019). The university as an entrepreneurial learning space: The role of socialized learning in developing entrepreneurial competence. <i>International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research, ahead-of-print</i> , 1-23.	Explorar a influência da socialização sobre a constituição e a integração da aprendizagem que leva ao desenvolvimento de competência empreendedora durante o período da universidade.

Quadro 1 – Estudos relacionados com a EE classificado por seu tipo de objetivo e contribuição

A questão sobre como as pessoas se tornam empreendedores ainda permanece não resolvida (Rae & Carswell, 2001), mesmo quase duas décadas depois que esse questionamento tenha sido feito, apesar dos avanços na procura de respostas para essa interrogação, seja na observação de iniciativas de EE, nos estudos que propõem alternativas para a prática da EE, ou na avaliação de seus impactos. Por isso, defende-se aqui que a aprendizagem empreendedora via o ensino para o (e não do) empreendedorismo torna-se uma potencial resposta para a formação de novos empreendedores.

O Brasil apresenta um contexto peculiar para os estudos da EE. Os dados do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) colocam o Brasil como um país intensamente empreendedor. Alguns estudos sobre a EE no contexto nacional, fornecem pistas de métodos e técnicas que têm sido implantados no sentido de promover e compreender a aprendizagem empreendedora. Dessa maneira, questiona-se: Como se incorporaram o aprender fazendo, a aprendizagem experiencial, a simulação de situações e outras metodologias no cenário nacional?

2.3 Ensino do (ou para o) Empreendedorismo no Brasil

As influências advindas das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a crescente reflexão sobre o processo de aprendizagem dos empreendedores (ou de potenciais futuros empreendedores) despertaram o interesse na pesquisa acadêmica sobre EE no país (Machado, Añez, & Ramos, 2005). Reflexo também das iniciativas de Fernando Dolabela, que, ainda no final dos anos noventa, já apontava para as formas e os benefícios de se aplicar a educação empreendedora (Dolabela, 1999). Entre alguns exemplos de pesquisas que surgiram nesse período, destacam-se Bastos e Peñaloza (2006), que buscou compreender o perfil do aluno prestes a se formar no ensino superior e, conseqüentemente, ingressar no mercado de trabalho ao relacionar formação em nível superior, características pessoais e desejo de empreender. Também com um olhar orientado para a EE, Henrique e Cunha (2008) levanta o estado da arte das práticas didático-pedagógicas utilizadas no ensino do empreendedorismo em cursos de graduação e de pós-graduação, não só no cenário nacional, mas também internacional.

Após esses primeiros movimentos em direção a pesquisa sobre questões ligadas a EE, no ano de 2010, a professora Rose Mary Almeida Lopes organizou um livro que não se restringiu apenas a um plano teórico-metodológico a ser empregado, mas apresentou exemplos a serem seguidos de estratégias para implementação de ações voltadas a educação empreendedora em contextos de ensino fundamental e superior. Assim, se por um lado cresciam as pesquisas para identificar e compreender processos de aprendizagem e, por outro lado, aumentavam os estímulos para a educação para o empreendedorismo, ainda faltava avaliar a efetividade do processo de ensino-aprendizagem. Por isso, Rocha e Freitas (2014) mensuraram a

aprendizagem resultante do ensino do empreendedorismo a fim de verificar se houve a alteração do perfil empreendedor de universitários que participaram de um processo de formação empreendedora em duas instituições públicas cearenses.

O ponto que destacamos nesse olhar histórico é que, embora houvesse um avanço na busca da identificação de métodos e práticas para a EE (Silva & Pena, 2017), os resultados do ensino para o empreendedorismo - por exemplo, sobre a orientação empreendedora de alunos graduandos - ainda permaneciam inconclusivos (Ferreira, Loiola, & Gondim, 2017). Avanços recentes trazem informações importantes que destacam o impacto da ação educacional sobre empreendedorismo em jovens (Barbosa et al., 2020; Stadler & Smith, 2017). O que reforça a ideia de que se deve avaliar a qualidade da educação oferecida (E. Lima, Lopes, Nassif, & Silva, 2015), e que para isso também seja refletido nas premissas, nos objetivos e nas metodologias utilizadas na educação empreendedora, pois esse tema “carece de uma discussão mais sólida, que auxilie no seu amadurecimento, norteamento e disseminação de forma mais eficaz” (Schaefer & Minello, 2016, p. 60).

Dessa forma, diante do exposto, uma vez construída essa base teórica sobre a aprendizagem e o ensino para o empreendedorismo, para que se avance no atingimento dos objetivos propostos nesta pesquisa, na próxima seção serão descritos os aspectos metodológicos que nortearam a investigação empírica realizada.

3. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Este estudo trata de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, em que se realizou análise de conteúdo de Programas Pedagógicos de Cursos (PPCs) e/ou Matrizes curriculares de IES públicas de modo a mapear os requisitos essenciais resguardados pelas ementas nos cursos, realizando-se, na sequência, verificação das temáticas relativas à EE e sua conformidade com as ementas de disciplinas. Dessa maneira, os procedimentos para a coleta de dados foram realizados em duas etapas: a primeira compõe-se de busca e estratificação de matrizes curriculares de cursos para análise documental; e a segunda, na realização de focus group para verificação e conclusões sobre aplicação das ementas na educação empreendedora dentro de sala de aula.

Na primeira etapa, para o estudo de ementas de disciplinas, foram utilizados os seguintes critérios para a coleta de dados: a) cursos de IES públicas do estado do Paraná-Brasil; b) cursos que disponibilizavam o PPC e/ou matriz curricular em suas páginas eletrônicas na World Wide Web; c) que no nome da disciplina no PPC ou na matriz curricular aparecesse uma das seguintes palavras: Empreendedorismo, Novos Negócios, Plano de Negócios, Gestão Empreendedora, Formação Empreendedora, Gestão de Oportunidades.

Dessa forma, foram obtidas identificadas 199 disciplinas relacionadas com a EE em 13 IES públicas paranaenses. Após a obtenção dos dados, para o tratamento desses dados obtidos, utilizou-se o software IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires) na sua Version 0.7, alpha 2 para apoiar a análise dos dados da pesquisa qualitativa.

Para realizar a análise do corpus textual, todas as ementas das disciplinas foram colocadas em um único arquivo de texto codificados com o Unicode-UTF-8. As ementas foram separadas com linhas de comando por 4 asteriscos para que o software reconheça a ementa como um texto, seguido pela codificação das variáveis que identificavam as ementas pela IES, curso, período em que a disciplina é ofertada e carga horária (Ex: **** ies_15 *curso_9 *per_5 *ch_30).

Todas as ementas foram revisadas para que os erros de digitação não fossem tratados como palavras diferentes, bem como algumas palavras compostas hifenizadas foram substituídas com um traço underline, pois o software considera palavras hifenizadas como sendo duas palavras diferentes. Da mesma forma, palavras compostas não hifenizadas (Ex: plano de negócios) foram complementadas com um traço underline para que o software pudesse tratar como uma única palavra.

Em seguida os seguintes caracteres foram excluídos das ementas por serem considerados comandos específicos utilizados pelo software: aspas (“), apóstrofo (’), hífen (-), cifrão (\$), porcentagem (%) e asterisco (*). Esse último somente é usado nas linhas que antecedem cada texto. E para o processamento dos dados do corpus textual foram utilizados os métodos de Estatísticas Textuais, Classificação Hierárquica Descendente (CHD), Especificidades e Análise Fatorial Confirmatória (AFC), Análise de Similitude e Nuvem de Palavras.

A segunda etapa compõe-se da realização de um focus group (Schröder & Klering, 2009). Para a seleção dos participantes, foram observados os critérios de: ser docente em uma instituição pública de ensino superior do Paraná; e atuar com EE. O encontro do grupo focal foi realizado virtualmente, ocasião em que 7 (sete) participantes de IES públicas do Paraná (UEPG, UNICENTRO, UNIOESTE, IFPR, UFPR e UTFPR), debateram por duas horas sobre temas previamente estabelecidos por um roteiro semiestruturado.

A coleta de dados no formato do grupo focal foi sequencial à análise dos dados provenientes das ementas e pretendeu verificar a aderência dos temas trabalhados nas ementas e a efetiva aplicação prática dos conceitos, obter atualizações e temas emergentes sobre a educação empreendedora. Desta forma, foi realizada a triangulação entre os dados provenientes da análise documental, por meio do Iramuteq, o debate entre docentes de IES públicas do Paraná e os aspectos centrais envolvendo a EE.

4. RESULTADOS E ANÁLISE

Após a aplicação dos procedimentos metodológicos descritos acima, foram obtidos os seguintes resultados:

Primeiramente, via o mapeamento da oferta de educação empreendedora formal no estado do Paraná por IES públicas, foram identificadas 13 (treze) instituições que oferecem 199 disciplinas relacionadas a empreendedorismo. Essas 199 disciplinas são ofertadas em diferentes cursos, os quais compõem diversas áreas do conhecimento.

A oferta de disciplinas relacionadas com a EE distribuída em diversos cursos e tipos de formação educacional revela a diversidade em que as temáticas do empreendedorismo são abordadas no decorrer da formação em nível superior. Os destaques desse mapeamento acentuam que a EE acontece, como esperado, intensamente (22%) nos cursos da área de negócios (Administração, Contábeis e Economia). Foram identificadas, contudo, disciplinas predominantemente nas formações das áreas das engenharias: um terço das disciplinas ofertadas são oferecidas em cursos dessa área de conhecimento (especialmente Engenharia Civil e Engenharia da Produção, cada uma com um total de 7 disciplinas, e Engenharia Elétrica, com 10 disciplinas). Os cursos de gestão, que respondem por 4% do total de disciplinas ofertadas, se distribuem em diferentes áreas, como por exemplo a gestão da produção, a gestão pública, do agronegócio, do turismo e de serviços jurídicos.

O grupo de cursos de nível tecnológico também se destaca no oferecimento de disciplinas sobre empreendedorismo. Foram identificadas 42 disciplinas em cursos de nível tecnológico, que

representam 21% do total de disciplinas relacionadas a EE oferecidas em IES públicas no Paraná. Composto diferentes áreas do conhecimento, essas áreas formam profissionais que irão atuar com a saúde (alimentos, gastronomia, massoterapia e radiologia), com tecnologia (industrial, automação, desenvolvimento de sistemas e telecomunicações), no agronegócio, mas incluem também a área de negócios (comercial, secretariado e processos gerenciais). Isso revela que a formação de tecnólogo, que possui foco específico na formação de nível superior em um período menor, tem contemplado a oferta da educação empreendedora no Paraná.

Após verificada a oferta de disciplinas relacionadas à EE em diferentes IES públicas no Paraná e distintos cursos, áreas e níveis de formação superior, a análise das 199 disciplinas ofertadas também foi capaz de identificar o escopo dessas disciplinas. Isso permitiu o agrupamento das disciplinas em 4 (quatro) categorias. Essa classificação pode ser verificada no quadro a seguir.

Escopo da Disciplina	Nº de Disciplinas
Empreendedorismo	158
Administração e Gestão	21
Plano de Negócio e Desenvolvimento de Novos empreendimentos	8
Desenvolvimento Empreendedor	12
Total Geral	199

Quadro 2 – Escopo e número de disciplinas identificadas

Essa tipificação revela que a grande maioria das disciplinas são apresentadas como disciplina sobre “empreendedorismo”, ou seja, abordam essa temática de forma geral. Dezoito dessas 158 disciplinas trazem também como objetivo abordar conceitos da inovação. Outras são específicas da área ou do curso em que são oferecidas, por exemplo, Empreendedorismo Aplicado à Zootecnia; Empreendedorismo Aplicado ao Design Gráfico; Empreendedorismo em Gastronomia; Empreendedorismo na Engenharia Civil, entre outras. Pouco mais de 10% das disciplinas possuem foco, além da temática do empreendedorismo, a administração e a gestão, por exemplo, Administração, Gestão e Empreendedorismo para Biotecnologia; Consultoria e Empreendedorismo em Turismo e Gestão e Empreendedorismo em TI. Por fim, existem outras disciplinas que destacam a elaboração de um plano de negócio e/ou o desenvolvimento de novos empreendimentos. Ou então, a busca pelo desenvolvimento empreendedor. Essas disciplinas, em uma análise do nome atribuído a elas, caracterizam-se pela centralidade na procura da formação de empreendedores.

Após a realização do mapeamento apresentado até esse momento, conforme descrito na seção metodológica dessa pesquisa, foi realizado um aprofundamento da análise da oferta de disciplinas sobre empreendedorismo em IES públicas no Paraná. Essa nova fase da investigação obteve acesso de alguns PPCs dos cursos identificados no levantamento realizado.

Essa nova relação de disciplinas formou um corpus geral constituído por 155 textos separados em 189 segmentos de textos (ST), com aproveitamento de 141 ST (74,60%). Emergiram 5.063 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 720 palavras distintas e 315 com uma única ocorrência (6,22% das ocorrências e 43,75% das formas).

Em uma análise baseada em uma nuvem de palavras obtidas por meio das ementas, verifica-se que as palavras encontradas mais frequentes foram: “empreendedor”, “plano de negócios”, “empreendedorismo”, “mercado”, “inovação”, e “oportunidades de negócios”, mostrando a tendência adotada no ensino-aprendizagem do (para o) empreendedorismo das IES incluídas no estudo (Figura 1).



Figura 1 – Nuvem de Palavras

Porém, a análise realizada com a utilização do IRAMUTEQ avançou. Especialmente quando o conteúdo analisado foi categorizado em 3 classes (Figura 2): Classe 1, com 29 ST (20,57%), Classe 2, com 44 ST (31,21%) e Classe 3, com 68 ST (48,23%).

As três classes estão divididas em duas ramificações (A e B) do corpus total em análise. O subcorpus A, composto pela Classe 3, a qual denominamos de “Procedimental/Tecnicista”, se refere às ementas com ênfase nos procedimentos e técnicas para criação e administração de novos negócios. O subcorpus B, contém ementas correspondentes à Classe 1, denominada “Comportamental”, compreendendo ementas que enfatizam o comportamento e perfil empreendedor, a identificação de oportunidades de negócios e elaboração de plano de negócios, e a Classe 2 (“Conceitual”), possui ementas com ênfase nos fundamentos, criatividade, inovação, identificação e evolução do processo empreendedor.

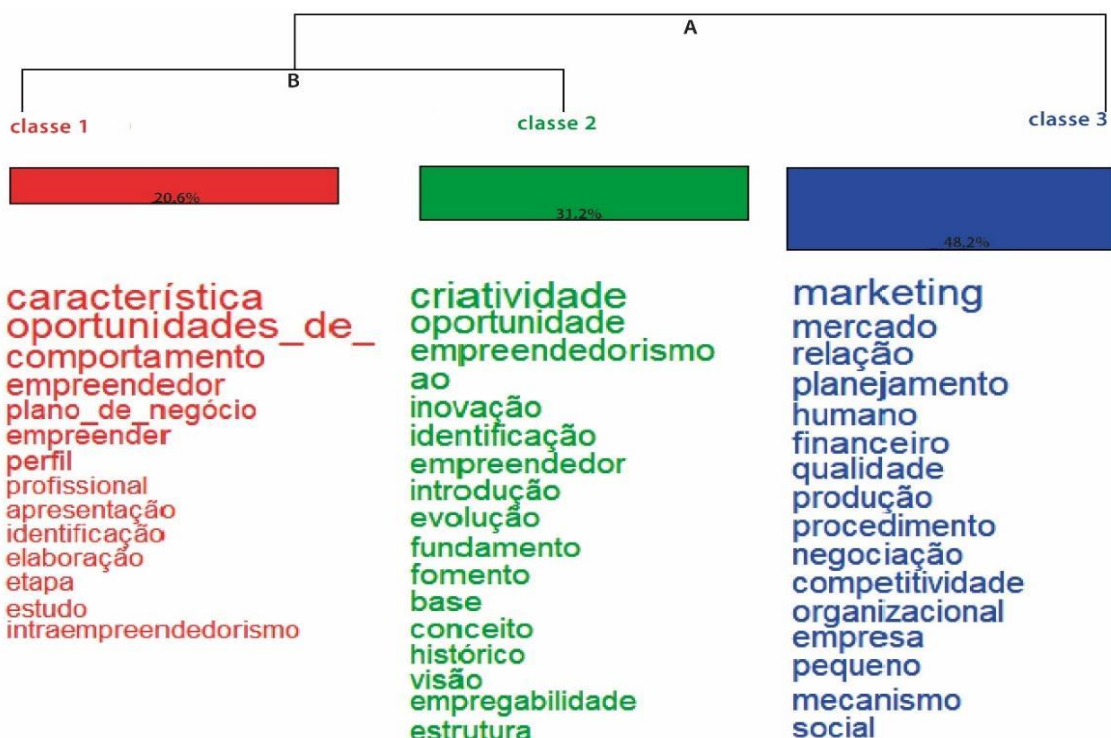


Figura 2 – Dendrograma – Classificação Hierárquica Descendente (CHD)

A Tabela 1 dos perfis da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) demonstra, resumidamente, a lista de palavras de cada classe que apresenta textos semelhantes entre si e diferentes de outras classes, geradas a partir do teste qui-quadrado.

Corpus do Texto – 141 ST – Aproveitamento de 74,60%						
Classe 1 – 29 ST - 20,57%		Classe 2 – 44 ST – 31,21%		Classe 3 – 68 ST – 48,23%		
Palavras	f^b	χ^2	Palavras	f^b	χ^2	Palavras
Característica	25	47.69	Criatividade	21	46.24	Marketing
Oportunidade de Negócios	21	46.55	Oportunidade	21	26.72	Mercado
Comportamento	12	29.61	Empreendedorismo	34	25.01	Relação
Empreendedor	29	18.84	Inovação	25	19.54	Planejamento
Plano de Negócios	24	10.07	Identificação	15	16.6	Humano
Empreender	4	6.03	Empreendedor	39	14.65	Financeiro
Perfil	15	5.08	Introdução	8	11.94	Qualidade
Profissional	2	3.99	Evolução	8	11.94	Produção

Tabela 1 – Perfis da CHD^a

a-Perfil parcial de palavras b-Frequência

A Classe 1 (Comportamental) compreende 20,57% do corpus total analisado e é constituída por palavras e radicais no intervalo entre $\chi^2= 47,69$ (característica) e $\chi^2=3,99$ (profissional). Também é evidenciado na análise que as IES que são estatisticamente significativas para a classe são a Universidade Estadual de Maringá (UEM), com $\chi^2= 11,21$ e a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) com $\chi^2= 40,21$, bem como as disciplinas que enfatizam os procedimentos e técnicas para a criação de administração de novos negócios: Engenharia de Produção ($\chi^2=7,84$), Engenharia Mecânica ($\chi^2=7,84$), Engenharia de Alimentos ($\chi^2=3,89$) e Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia ($\chi^2=3,89$).

A Classe 2 (Conceitual) compreende 31,21% do corpus total analisado e é constituída por palavras e radicais no intervalo entre $\chi^2= 46,24$ (criatividade) e $\chi^2= 4,47$ (negócio). Nenhuma IES ou disciplina individualmente são estatisticamente significativas para essa classe ficando abaixo de $\chi^2=3,8$ e $p\text{-value} > 0,05$. E a Classe 3 (Procedimental) compreende 48,23% do corpus total analisado e é constituída por palavras e radicais no intervalo entre $\chi^2= 15,37$ (marketing) e $\chi^2= 4,35$ (ambiente). Da mesma forma que a Classe 2, nenhuma IES ou disciplina individualmente são estatisticamente significativas para essa classe. Assim, essa análise inicial da Classificação Hierárquica Descendente das ementas das disciplinas revela primeiramente uma tipificação do escopo que cada disciplina possui. Sendo possível a classificação das disciplinas mediante o agrupamento de suas características semelhantes em termos de corpus textual.

Isso também é possível mediante o emprego de outras técnicas de análise. Assim, a Figura 3 demonstra que a partir da Análise Fatorial Confirmatória (AFC), foi possível realizar a associação do texto entre as palavras em um plano cartesiano, considerando a frequência de incidência de palavras nas classes.

Dessa maneira, observa-se que as palavras que compõem a Classe 1 estão bem definidas no quadrante superior esquerdo, destacando-se as palavras “oportunidades de negócios”, “característica” e “comportamento”. Isso nos levou a tipificar as ementas pertencentes a essa classe com viés comportamental. Já as palavras que compõem as Classes 2 e 3 se apresentam em um segmento centralizado expandindo-se para pontos periféricos dos quadrantes superior direito e inferior esquerdo, com destaques para as palavras “criatividade”, “empreendedorismo”, “oportunidade” e “inovação” na Classe 2 e “marketing”, “mercado” e “planejamento” na Classe

3, denotando, respectivamente, ementas com viés conceitual e procedimental (ou seja, mais tecnicista) respectivamente.

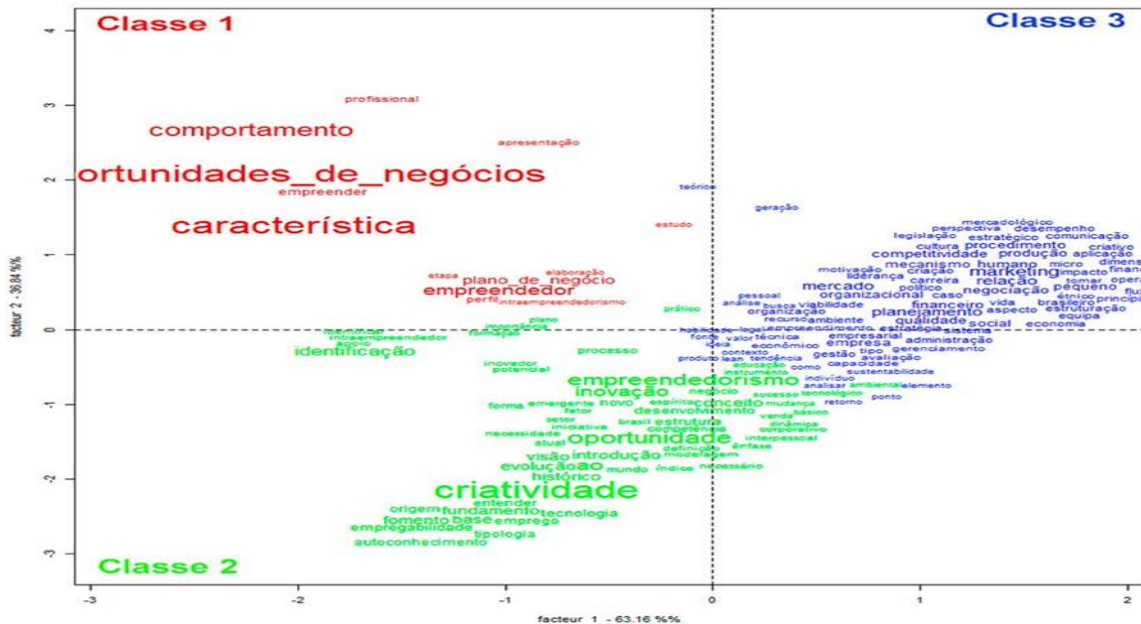


Figura 3 – Análise Fatorial Confirmatória (AFC) - Classes

Ainda na AFC, foi possível realizar comparações das diferentes abordagens das 155 ementas de disciplinas das 11 IES públicas do Paraná selecionadas na pesquisa, independente da classe as quais pertenciam. Destaca-se que a expressão “plano de negócios” (frequência = 132) obteve maior peso na UTFPR, UEM e UNESPAR, enquanto a palavra “inovação” (frequência = 69) apresentou maior peso na UNIOESTE, IFPR e UTFPR (Figura 4).

	eff	UENP	UNILA	UFPR	UTFPR	IFPR	UEL	UEM	UEPG	UNICENTRO	UNIOESTE
plano_de_negócio	132	-0,2445	-0,5076	-0,4443	1,2859	-1,0629	0,8727	-0,2874	0,4635	-0,3894	-0,7931
inovação	69	-0,5533	-0,1864	-0,1610	0,5359	1,4897	-1,5127	-0,6007	-1,2499	-1,2014	1,6031
gestão	68	-0,5452	0,9234	-0,1572	-0,7467	-0,3688	0,5689	-0,2132	0,5652	1,2247	-0,7076
perfil	61	1,0131	-0,4802	0,1968	0,2889	-0,3751	0,3717	-0,5304	-0,3573	0,4762	0,2764
qualidade	33	0,3425	-0,2586	-0,2362	1,2362	0,4976	-1,7962	-0,2857	0,4453	-0,9311	-0,1778
oportunidade	33	1,6794	0,3480	0,3773	-1,8613	0,9528	0,4644	-0,2857	-0,9595	0,8292	-0,4161
marketing	31	0,3626	-0,2429	-0,2218	1,8885	0,4257	-1,6868	-0,2683	-0,4018	-0,8744	0,2352
planejamento	24	-0,1911	-0,1878	-0,1715	-1,7686	0,2682	0,2625	0,4205	1,7845	-0,2588	1,2415
criatividade	24	0,4486	-0,1878	0,4864	-1,2818	1,7094	-0,3433	-0,2075	-0,2710	-0,2588	0,3528
financeiro	23	-0,1831	-0,1800	-0,1643	-1,1714	-0,2905	1,8781	0,4350	-0,6677	0,3695	0,7760
identificação	22	0,4791	-0,1721	0,5176	0,3161	-0,2477	0,5973	-0,1901	-0,2361	-0,2254	-0,6134
estratégia	19	-0,1512	1,3580	-0,1357	0,3203	0,5608	-1,0318	-0,1641	-0,5512	-0,5349	0,9612
avaliação	16	-0,1272	-0,1251	-0,1142	1,2597	0,3103	0,2400	-0,1381	-0,4639	-0,4502	-0,4457
técnica	15	-0,1193	0,6260	-0,1070	-1,1401	-1,3297	0,5961	-0,1295	1,8856	0,6183	0,6247
micro	14	-0,1113	-0,1094	0,6872	-1,6088	-0,7075	1,1446	0,6146	1,9982	-0,3938	0,2273
ferramenta	13	-0,1033	0,6808	-0,0927	0,3319	1,3363	-0,7053	-0,1122	-0,3768	-0,3656	-0,3619
administração	12	-0,0954	0,7119	-0,0856	-1,3060	1,5532	-0,6509	-0,1035	0,7483	0,2674	-0,3340
ambiente	11	-0,0874	-0,0859	0,7818	0,2645	0,7597	-0,5966	-0,0949	-0,3187	0,2929	-0,3062
novo	11	-0,0874	0,7459	-0,0785	0,2645	-0,2078	-0,2046	-0,0949	0,2840	0,2929	-0,3062
introdução	10	-0,0795	-0,0781	-0,0713	-0,2647	1,4474	-0,1745	-0,0863	-0,2897	-0,2811	-0,2783
evolução	10	-0,0795	0,7836	-0,0713	-1,8015	0,5153	1,6592	-0,0863	-0,2897	-0,2811	0,3250
relação	10	-0,0795	-0,0781	-0,0713	-0,5443	0,9130	-0,1745	-0,0863	0,3127	-0,2811	0,3250

Figura 4 – AFC do corpus textual – Análise de Especificidades

Percebe-se assim que apenas nas ementas da UNIOESTE e IFPR as palavras “inovação” e “criatividade” tiveram maior peso, confirmando o que os estudos abordados no referencial teórico apresentaram (Vogt & Bulgacov, 2018; Young & Sexton, 1997). Ou seja, que o ensino para o empreendedorismo, em sua maioria aborda com maior ênfase as questões comportamentais (perfil empreendedor, competência, habilidades e técnicas para se tornar empreendedor e criar novos negócios) e procedimentais (plano de negócios, gestão, planejamento, administração, ferramenta, técnica), como pode ser analisado nas ementas apresentadas pelas outras IES do estudo.

Já na análise de similitude, baseada na Teoria dos Grafos¹, que representa a ligação entre as palavras do corpus textual, foi possível identificar as ocorrências e as indicações de conectividade entre as palavras, auxiliando na identificação da estrutura do conteúdo de um corpus textual. Nessa análise foi utilizado o escore “*cooccurrence*” com apresentação “*fruchterman reingold*”. O que permitiu a observação que existem três palavras que se destacam nas ementas incluídas no estudo: “Empreendedor”; “Plano de Negócios” e “Empreendedorismo”, como demonstra a Figura 5.



Figura 5 – Análise de Similitude

Nesse sentido, pode-se inferir que, de uma forma geral, as ementas das IES incluídas no estudo, apresentam relações de ensino-aprendizagem de acordo com a literatura exposta, ou seja, o viés comportamental e procedimental/tecnicista. Vale ressaltar que, algumas ementas (IFPR e UNIOESTE) apresentam maior ênfase no comportamento inovador e criativo do empreendedor. Essa análise de similitude contribui para a reflexão de que existe potencial para a aproximação da utilização da ferramenta ‘plano de negócio’ também para a promoção de aspectos ligados ao desenvolvimento empreendedor, ligando a realidade prática do constituir um empreendimento com o ambiente educacional de experimentação.

Após a análise textual das ementas das disciplinas, a segunda etapa do estudo visou verificar a aplicação destas ementas em sala de aula, indo para além de uma análise de corpus-textual, ou seja, buscou-se um aprofundamento para além das ementas com quem ensina empreendedorismo. Para esta finalidade foi realizado o encontro de *focus-group*, no qual foram debatidos alguns dos conteúdos dispostos nas ementas dos cursos e a realidade em sala de aula. Após analisados pelos pesquisadores, os dados provenientes desse procedimento metodológico

¹ Ver estudo de Marchand e Ratinaud (2012).

foram agrupados em duas categorias de análise: temas com tendência à **descontinuidade** e temas com tendência à **continuidade** (ou então emergentes).

A categoria ‘descontinuidade’ reuniu assuntos e abordagens relativas às ementas de EE que já não faziam mais parte da prática de sala de aula e que muitas vezes entraram em desuso, demonstrando que precisam ser revistos nos currículos de cursos. Já as ‘tendências de continuidade’ demonstraram temáticas que permanecem sólidas e ainda servem de guias basilares para a educação empreendedora. Essas últimas merecem atenção nas ementas dos cursos que oferecem o ensino para o empreendedorismo, pois apontam para assuntos que são demandas da realidade de empreendedores dentro do contexto atual, ou então, são assuntos emergentes que podem vir a se consolidar no cenário empreendedor (e da educação para o empreendedorismo) em um futuro próximo.

Dessa maneira, visando explorar os resultados obtidos com o *focus group* realizado, a seguir, são apresentados os principais pontos que caracterizam cada uma dessas duas categorias que emergiram dos dados:

4.1 Tendência para a descontinuidade

- **Foco no plano de negócio somente.** Os relatos de participantes do *focus-group* demonstram que, embora o tema seja apresentado nas disciplinas, atualmente o plano de negócio recebe menor carga horária. O que em muitos anos era o tema central, agora é abordado de modo mais informativo, como por exemplo a citação de um dos entrevistados: “se antes o plano de negócio era trabalhado o semestre todo, agora eu apresento em uma aula e seguimos com outras ações” (E1). Esta tendência é confirmada em outro depoimento, quando o docente firma que “faz tempo que eu não ouço aqui na (IES4) falar de plano de negócio, a gente tem trabalhado muito com inovação, *startups*, metodologias ágeis, atitude empreendedora, mais do que criar empresas é criar empreendedores...” (E2). Esses aspectos ressaltam o que foi destacado por Wang, Rafiq, Li, e Zheng (2014) ao abordarem sobre a preparação empreendedora, ressaltando o papel da aprendizagem pela experiência e da socialização na formação de empreendedores. Assim, essa tendência da descontinuidade, no que se refere ao plano de negócio, também pode ser observada na ênfase que ocorre nas ementas das disciplinas, especialmente nos atributos destacados nas classes comportamental e procedimental.

- **Observância rigorosa das ementas.** As ementas algumas vezes estão desatualizadas e não representam necessariamente o que foi, é ou será trabalhado em sala. Se por um lado este aspecto demonstra a liberdade de atuação de cada docente, revela que não existem garantias mínimas no sentido de promover a EE de modo mais uniforme e sólido na(s) instituição(ões) em que isso ocorre. Entretanto, os participantes afirmam que iniciativas no sentido de tornar os currículos mais flexíveis são adotadas e pretendem revisar a maioria dos PPCs das IESs. Nesse sentido, foi possível perceber que o processo que envolve a EE tem sido mais dinâmico e menos padronizado por ementas conforme apontando por E4: “Na verdade, pretende-se utilizar o empreendedorismo na educação, como ferramentas de geração de ideias, de *Design Thinking*, como recursos para desenvolver as competências das próprias disciplinas, programas de pré-incubação oficinas de ideação, modelagem de negócios”. Ou seja, existe o reconhecimento da necessidade de alinhamento das ementas, planos de aulas e conteúdos programáticos a fim de seja oferecida uma educação de qualidade (E. Lima, Lopes, Nassif, & Silva, 2015) e contextualizada com as atuais demandas.

- **Tratar a EE como aula teórica e fechada em sala de aula.** Os relatos demonstram que a EE não pode mais estar desvinculada de ações que envolvam a comunidade e as interrelações com

o ecossistema empreendedor (Middleton, Padilla-Meléndez, Lockett, Quesada-Pallarès, & Jack, 2019). Foram citadas práticas que envolviam ensino e extensão como impactantes no aprimoramento dos conteúdos. Críticas foram relatadas à forma de abordar as disciplinas que somente discutem teoricamente as temáticas envolvendo o empreendedorismo, tendo, segundo os participantes, menor interesse e adesão por parte dos alunos. As experiências que expandiam as atividades em sala demonstravam-se mais eficientes em termos de engajamento e apropriação por parte dos alunos, havendo comparação entre turmas e perfis docentes, de modo a haver preferência por parte dos alunos, quando a atuação docente era com atividades mais práticas. Ou seja, buscar mudanças na educação empreendedora para modelos de aprendizagem que sejam mais centrados nos alunos (Robinson, Neergaard, Tanggaard, & Krueger, 2016) e no desenvolvimento de experiências (Pittaway & Cope, 2007; Politis, 2008).

4.2 Temáticas com tendência de continuidade

- **Curricularização da extensão como tendência para ações de educação empreendedora.** Os participantes relataram experiências de sucesso em trabalhar projetos de pesquisa continuada, projetos de extensão, eventos multidisciplinares e outras ações como impulsionadoras da EE. Nesse sentido, o espaço educacional, como afirmado por Amadi-Echendu, Chodokufa e Visser (2016), torna-se o lugar que fomenta o empreendedorismo contribuindo no combate de desafios, como por exemplo, o desemprego e altos índices de falência de pequenos negócios.

- **Inserção de ações de empreendedorismo como trabalho de conclusão de curso.** Demonstrou-se uma tendência a oferta de possibilidades interdisciplinares ao aluno, como plano de negócio, pesquisa na forma de intervenção ou a pesquisa tradicional (IES3-4; E5).

- **Atuação na formação da Competência Empreendedora.** Muitos relatos afirmam ser esta uma tendência importante para a universidade, no sentido de formação atitudinal, possibilitar a experimentação, oportunizar a autodescoberta, sendo estas possibilidades de gerar envolvimento dos estudantes. Essa tendência já é realidade em outros ambientes educacionais conforme apontado anteriormente (Ghobril et al., 2020; Middleton et al., 2019).

- **Disciplinas mais atrativas e conectadas com propostas da IES como um todo.** Esta tendência foi exemplificada no *focus-group* como um grande desafio, mas que pode culminar com êxito em promover a EE na instituição como um todo, fomentando e fortalecendo ecossistemas de empreendedorismo. Como é citado por um dos entrevistados: “das mais de 60 disciplinas de empreendedorismo que estão rodando, não se vê o aluno apaixonado fazendo estas disciplinas, tem o conteúdo, mas não empreendem tanto a partir delas, das disciplinas. Eles empreendem mais junto às empresas juniores, eventos de extensão” (E4). Esse aspecto da não contribuição da educação empreendedora na constituição de novos negócios foi apontado por relatos de história de vida de empreendedores em Vogt e Bulgacov (2019b). Ou seja, conforme apontado por esse mesmo docente: “não vejo que há muita vida nas disciplinas, penso que devemos investir em outras ações. Tem muitos cursos onde há a disciplinas de empreendedorismo e tem uma representação periférica” (E4).

- **Metodologias ativas e inovadoras para a EE.** Algumas ações com *feedback* positivo podem ser destacadas como a Rede de EE (professores se reúnem para discutir metodologias para o ensino de empreendedorismo). Destacou-se projeto TCC Inovação (envolvendo diversos cursos, que podem ser inclusive desenvolver uma startup.) e algumas ações de ‘Pitch Day’, que visam fomentar ações empreendedoras, especialmente para a graduação, mas também para cursos *Lato e Stricto Sensu*.

Esta tendência por ser exemplificada no relatado de um entrevistado ao afirmar que “na (IES) muitas ações estão ligadas à incubadoras e projetos que envolvem a instituição, quando o empreendedorismo é trabalhado nas disciplinas, acabam sendo ligados a novas metodologias e atividades que não ficam expressas nas ementas e sim nas iniciativas de cada professor”. Por exemplo, nessa IES existe uma iniciativa de projetos com parceiros como o Startup Garage que visam levar ações mais práticas para os alunos independentemente do curso, fomentando o empreendedorismo em todas as formações. Bem como um novo Hub de Inovação será implantado, e visará promover ações amplas e colaborativas ligadas ao empreendedorismo.

- Educação Empreendedora como componente de disciplinas de diferentes cursos. A formação empreendedora ainda é ponto de discussão nos cursos havendo pontos divergentes entre os docentes. Entendeu-se que muitos cursos acabam adequando temáticas que seriam tratadas no arcabouço de conhecimentos da EE, mas são desenvolvidas nas rotinas e adaptações distintas, em especial para cursos de áreas de saúde ou biológicas, ficando a terminologia de Empreendedorismo mais relacionada às áreas de socias aplicadas ou correlatas.

Após a condução da pesquisa que acabou de ser apresentada, percebem-se os avanços que têm ocorrido (ou que surgem como potenciais mudanças a serem realizadas) dentro da educação para o empreendedorismo. No primeiro passo dado, com o mapeamento da oferta de disciplinas referente ao ensino do empreendedorismo, surgem os primeiros indicativos da caracterização do oferecimento de educação voltada para essa temática. Na posterior análise da realidade dos docentes que atuam como guias nessa jornada em direção a formação de empreendedores, pode-se identificar as tendências para a (des)continuidade. O que se torna relevante para uma reflexão sobre as atuais práticas empregadas dentro das salas de aula.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tem-se assim o reconhecimento de que a educação empreendedora tem seu papel no processo de aprendizagem de empreendedores (Blenker et al., 2014; Fayolle, 2013). Com o intuito de compreender como a educação empreendedora tem se concretizado nas IES públicas do estado do Paraná, realizou-se de um mapeamento e, posterior análise qualitativa das ementas e formatos que as disciplinas têm sido aplicadas nesse contexto.

Desta forma, apresentou-se uma pesquisa empírica de forma quanti e uma triangulação qualitativa, que se objetivou na realização de um mapeamento e na identificação de percepções complementares sobre a ocorrência do oferecimento da educação formal voltada ao empreendedorismo para além das disciplinas específicas da formação em nível superior. Sendo assim, também consideradas particularidades e características da formação de empreendedores no contexto estudado.

Esse olhar investigativo ocorre em um momento em que o governo do Estado do Paraná avança na tendência de oferecer formação para o empreendedorismo na educação básica, seguindo o que já foi feito anteriormente em outros estados brasileiros (Marcovitch & Saes, 2020), porém, ainda sem um plano integrado de educação empreendedora. Soma-se a isso, o interesse em conhecer como vem sendo desenvolvida a formação adulta para o empreendedorismo, uma vez que, enquanto parte da formação profissional, a educação empreendedora pode ser considerada como aspecto central da preparação empreendedora. Ou seja, se o processo de empreender envolve a utilização de vários elementos, dentre os quais o Know-how (J. Cope, 2005; Wang, Rafiq, Li, & Zheng, 2015), e embora esse saber-fazer possa ser adquirido com a experiência no dia a dia durante a criação e o gerenciamento de algum empreendimento, defende-se que também pode ser compartilhado dentro de uma sala de aula, no decorrer do processo de ensino-

aprendizagem. Dessa maneira, essa pesquisa levanta a necessidade de que haja primeiramente um entendimento da oferta do ensino sobre (ou para) o empreendedorismo.

Fica evidente o momento de transição, onde, por vezes as prática aplicadas em sala de aula e projetos de extensão alinham-se de modo mais ágil às demandas e anseios apresentados pela sociedade e pelos próprios estudantes, que frequentam eventos e ações com apelos menos tradicionais, ou seja, associados aos temas de inovação, startups e do ecossistema empreendedor. Isto é, nos parece ser o momento de, mais do que criar empresas, sejam capazes, ou então, fomentemos o desenvolvimento de novos empreendedores. Ação que exige uma mudança das atuais práticas do ensino do empreendedorismo, para uma abordagem de ensino para o empreendedorismo. No qual a educação empreendedora será uma fase da preparação empreendedora.

Essa mudança de perspectiva do ensino “do” empreendedorismo, para o ensino “para” o empreendedorismo exige uma formação mais prática de competências, a experimentação e aplicação de conceitos antes desenvolvidos de forma teórica. Isso por sua vez, requer professores comprometidos com essas novas demandas, IES que oferecem uma estrutura e recursos que oportunizem a atuação dos docentes de forma a atingir os novos desafios e, como sempre, alunos que estejam engajados no processo de ensino-aprendizagem.

Enquanto temática que tem avançado nas últimas décadas, a educação empreendedora se encontra em um momento de encarar novos desafios, por isso, nossa contribuição é apontar para as mudanças que têm surgido. O que, por sua vez, produz oportunidades para futuras pesquisas, como a extensão da realização de um mapeamento sobre a oferta de disciplinas sobre empreendedorismo para IES públicas e privadas em outros contextos. Além disso, recomenda-se que seja realizado um aprofundamento sobre como ocorre o ensino para o empreendedorismo via estudos de casos.

REFERÊNCIAS

- Amadi-Echendu, A. P., Phillips, M., Chodokufa, K., & Visser, T. (2016). Entrepreneurial Education in a Tertiary Context: A Perspective of the University of South Africa. *The International Review of Research in Open and Distributed Learning*, 17(4), 21-35.
- Andrade, R. F., & Torkomian, A. L. V. (2001). Fatores de influência na estruturação de programas de educação empreendedora em instituições de ensino superior. *II Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 2, 299-311.
- Araújo, G. F. d., & Davel, E. D. P. B. (2019). Educação Empreendedora pela Experiência: O Caso do Festival de Artes Empreendedoras em Itabaiana. *REGPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 8(1), 176-200. doi:10.14211/regepe.v8i1.1053
- Araújo, G. F. d., & Davel, E. P. B. (2018). Educação Empreendedora: avanços e desafios. *Caderno de Gestão e Empreendedorismo*, 6(3), 47-68. doi:10.32888/cge.v6i3.12767
- Barbosa, R. A. P., Da Silva, E. A., Gonçalves, F. H. L., & De Moraes, F. R. (2020). O Impacto da Educação Empreendedora na Intenção de Empreender: análise dos traços de personalidade. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 9(1), 124-158. doi:10.14211/regepe.v9i1.1589
- Bastos, A. T., & Peñaloza, V. (2006). Educação Empreendedora e Inserção Profissional: O Perfil dos Alunos de Uma Instituição de Ensino Superior. *Revista Organizações em Contexto*, 2(4), 143-164. doi:10.15603/1982-8756/roc.v2n4p143-164
- Bellingham, L., Dhaliwal, H., Matlay, H., Mills, J., Morris, E., Penaluna, A., . . . Smith, K. (2012). Enterprise and entrepreneurship education: Guidance for UK higher education providers. *The Quality Assurance Agency for Higher Education*.
- Blenker, P., Elmholdt, S. T., Frederiksen, S. H., Korsgaard, S., & Wagner, K. (2014). Methods in entrepreneurship education research: a review and integrative framework. *Education + Training*, 56(8/9), 697-715. doi:10.1108/et-06-2014-0066

- Borba, M. L. d., Hoeltgebaum, M., & Silveira, A. (2011). A produção científica em empreendedorismo: análise do Academy of Management Meeting: 1954-2005. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 12(2), 169-206. doi:10.1590/S1678-69712011000200008
- Cope, J. (2005). Toward a dynamic learning perspective of entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29(4), 373-397.
- Cope, J. (2011). Entrepreneurial learning from failure: An interpretative phenomenological analysis. *Journal of Business Venturing*, 26(6), 604-623. doi:10.1016/j.jbusvent.2010.06.002
- Cope, J., Cave, F., & Eccles, S. (2008). *The Impact and Outcomes of Venture Failure: An Entrepreneurial Learning Perspective*. Paper presented at the Frontiers of Entrepreneurship Research, Babson Park.
- Cope, J., & Pittaway, L. (2005). *Applying an entrepreneurial learning lens to entrepreneurship education*. Paper presented at the British Academy of Management Conference, Oxford.
- Cope, J., & Watts, G. (2000). Learning by doing – An exploration of experience, critical incidents and reflection in entrepreneurial learning. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 6(3), 104-124. doi:10.1108/13552550010346208
- Cowdean, S., Whitby, P., Bradley, L., & McGowan, P. (2019). Entrepreneurial learning in practice: The impact of knowledge transfer. *Industry and Higher Education*, 33(1), 30-41. doi:10.1177/0950422218812630
- Dana, L. P. (1992). Entrepreneurial education in Europe. *Journal of Education for Business*, 68(2), 74-78.
- de Lima Ribeiro, R., Oliveira, E. A. d. A. Q., & de Araujo, E. A. S. (2014). A contribuição das instituições de ensino superior para a educação empreendedora. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, 10(3), 295-313.
- De Muylder, C. F., Dias, A. T., & Oliveira, C. L. D. S. (2013). Is it possible to teach entrepreneurship? Comparative Analysis with Brazilian students. *Revista de Ciências da Administração*, 15(37), 82-91. doi:10.5007/2175-8077.2013v15n37p82
- Dias, T. R. F. V., & Martens, C. D. P. (2016). Competências e Aprendizagem Empreendedora no Contexto de Insucesso Empresarial: Proposição de um Modelo Conceitual. *Desenvolvimento em Questão*, 14(33), 172-202.
- Dolabela, F. (1999). *Oficina do Empreendedor: A metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza*. São Paulo: Cultura.
- Dolabela, F., & Filion, L. J. (2013). Fazendo revolução no Brasil: A introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas - REGEPE*, 3(2), 134-181.
- Fayolle, A. (2013). Personal views on the future of entrepreneurship education. *Entrepreneurship & Regional Development*, 25(7-8), 692-701. doi:10.1080/08985626.2013.821318
- Ferreira, A. d. S. M., Loiola, E., & Gondim, S. M. G. (2017). Preditores individuais e contextuais da intenção empreendedora entre universitários: revisão de literatura. *Cadernos EBAPE.BR*, 15(2), 292-308. doi:10.1590/1679-395159595
- Festervand, T. A., & Forrest, J. E. (1993). Entrepreneurial Preparedness: A Multi-Stage Model. *Journal of Business and Entrepreneurship*, 5(3).
- Fortes, G. P., Lopes, C. C. S., & Teixeira, R. M. (2016). Aprendizagem empreendedora para inovação: Estudo de casos de pequenas empresas do programa ALI. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 10(3), 82-99. doi:10.12712/rpca.v10i3.781
- Fox, J., Pittaway, L., & Uzuegbunam, I. (2018). Simulations in Entrepreneurship Education: Serious Games and Learning Through Play. *Entrepreneurship Education and Pedagogy*, 1(1), 61-89. doi:10.1177/2515127417737285
- Ghobril, A. N., Baker, D., Rokop, N., & Carlson, C. R. (2020). Para Além dos Cursos de Empreendedorismo: estratégia, estrutura e processos na Illinois tech para se tornar uma universidade empreendedora. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 9(1), 42-76. doi:10.14211/regepe.v9i1.1539
- Gomes, V. (2000). *Empreendedorismo nas organizações que aprendem. Considerações sobre a dicotomia: Ensino versus aprendizado do empreendedorismo*. Paper presented at the I Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas - EGEPE, Maringá.
- Henrique, D. C., & Cunha, S. K. d. (2008). Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. *Revista de Administração Mackenzie*, 9(5), 112-136. doi:10.1590/S1678-69712008000500006
- Kolb, D. A. (1984). *Experiential learning: experience as the source of learning and development*. New Jersey: Prentice Hall.
- Lamont, L. M. (1972). What entrepreneurs learn from experience. *Journal of Small Business Management*, 10, 36-41.

- Lima, E., Lopes, R. M. A., Nassif, V. M. J., & Silva, D. (2015). Ser seu Próprio Patrão? Aperfeiçoando-se a Educação Superior em Empreendedorismo. *Revista de Administração Contemporânea*, 19(4), 419-439. doi:10.1590/1982-7849rac20151296
- Lima, E. d. O., Cunha, J. A. C. d., & Nassif, V. M. J. (2020). Contribuições de Múltiplas Nacionalidades em Prol da Educação em Empreendedorismo. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 9(1), I-XV. doi:10.14211/regepe.v9i1.1835
- Lopes, R. M. A. (2017). *Ensino de empreendedorismo no Brasil: panorama, tendências e melhores práticas*. Rio de Janeiro: Alta Books Editora.
- Machado, M. R. L., Añez, M. E. M., & Ramos, R. E. B. (2005). Educação superior e o potencial empreendedor: um estudo de caso em uma Instituição de Ensino Superior Privada. *Revista Ciências Administrativas*, 11(1), 30-38.
- Marchand, P., & Ratinaud, P. (2012). L'analyse de similitude appliquée aux corpus textuels: les premiers socialistes pour l'élection présidentielle française. Presented at the 11JADT, Liège, Belgique, 687-699.
- Marcovitch, J., & Saes, A. M. (2020). Educação empreendedora: trajetória recente e desafios. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 9(1), 01-09. doi:10.14211/regepe.v9i1.1776
- Masten, J. T., Brown, S., & Skull-Carvallio, S. (1993). Third world entrepreneurial education: A case approach to role modeling. *Journal of Education for Business*, 68(3), 139-143.
- Middleton, K. W., Padilla-Meléndez, A., Lockett, N., Quesada-Pallarès, C., & Jack, S. (2019). The university as an entrepreneurial learning space: The role of socialized learning in developing entrepreneurial competence. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, ahead-of-print, 1-23.
- Nogueira, T. F. (2019). Entrepreneurial learning: what do we mean by it? *The Learning Organization*, ahead-of-print (ahead-of-print). doi:10.1108/tlo-04-2018-0067
- Pihie, Z. A. L., Bagheri, A., & Sani, Z. H. A. (2009). Learning style of university students: Implications for improving entrepreneurial learning paradigm. *International Journal of Interdisciplinary Social Sciences*, 4(4), 129-141.
- Pittaway, L., & Cope, J. (2007). Simulating entrepreneurial learning: Integrating experiential and collaborative approaches to learning. *Management Learning*, 38(2), 211-233. doi:10.1177/1350507607075776
- Pittaway, L., Missing, C., Hudson, N., & Maragh, D. (2009). Entrepreneurial Learning through Action: A Case Study of the Six-Squared Program. *Action Learning: Research and Practice*, 6(3), 265-288.
- Politis, D. (2008). The process of entrepreneurial learning: a conceptual framework. In R. T. Harrison & C. M. Leitch (Eds.), *Entrepreneurial Learning: Conceptual Frameworks and Applications* (pp. 44-71). New York: Routledge Taylor & Francis Group.
- Rae, D. (2000). Understanding entrepreneurial learning: a question of how? *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 6(3), 145-159. doi:10.1108/13552550010346497
- Rae, D. (2004). Entrepreneurial learning: a practical model from the creative industries. *Education + Training*, 46(8/9), 492-500. doi:10.1108/00400910410569614
- Rae, D. (2005). Entrepreneurial learning: a narrative-based conceptual model. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 12(3), 323-335. doi:10.1108/14626000510612259
- Rae, D., & Carswell, M. (2001). Towards a conceptual understanding of entrepreneurial learning. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 8(2), 150-158. doi:10.1108/EUM0000000006816
- Rae, D., Gee, S., & Moon, R. (2009). Creating an Enterprise Culture in a University: The role of an entrepreneurial learning team. *Industry and Higher Education*, 23(3), 183-197.
- Ribeiro, A. T. V. B., & Plonski, G. A. (2020). Educação Empreendedora: o que dizem os artigos mais relevantes? Proposição de uma revisão de literatura e panorama de pesquisa. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 9(1), 10-41. doi:10.14211/regepe.v9i1.1633
- Robinson, S., Neergaard, H., Tanggaard, L., & Krueger, N. F. (2016). New horizons in entrepreneurship education: from teacher-led to student-centered learning. *Education + Training*, 58(7/8), 661-683.
- Rocha, E. L. d. C., & Freitas, A. A. F. (2014). Avaliação do Ensino de Empreendedorismo entre Estudantes Universitários por meio do Perfil Empreendedor. *Revista de Administração Contemporânea*, 18(4), 465-486. doi:10.1590/1982-7849rac20141512
- Schaefer, R., & Minello, I. F. (2016). Educação Empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 10(3), 60-81. doi:10.12712/rpca.v10i3.816
- Schröder, C. S., & Klering, L. R. (2009). On-line focus group: uma possibilidade para a pesquisa qualitativa em administração. *Cadernos EBAPE.BR*, 7(2), 332-348.
- Schumpeter, J. A. (1997). *Teoria do Desenvolvimento Econômico: Uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico* (M. S. Possas, Trans.). São Paulo: Nova Cultural.

- Shamsudin, S. F. F. B., Al Mamun, A., Nawi, N. B. C., Nasir, N. A. B. M., & Zakaria, M. N. B. (2016a). Policies and Practices for Entrepreneurial Education in Malaysia: A Review. *Mediterranean Journal of Social Sciences*, 7(2), 36-41. doi:10.5901/mjss.2016.v7n2p36
- Shamsudin, S. F. F. B., Al Mamun, A., Nawi, N. B. C., Nasir, N. A. B. M., & Zakaria, M. N. B. (2016b). Policies and practices for entrepreneurial education: The Malaysian experience. *The Journal of developing areas*, 50(5), 307-316.
- Shimron, J., & Klos, D. (1996). Entrepreneurial education makes its debut in Israel: New curriculum in an ideological shift. *Curriculum Inquiry*, 26(1), 25-46. doi:10.1080/03626784.1996.11075443
- Silva, J. F. d., & Pena, R. P. M. (2017). O “Bê-Á-Bá” do Ensino em Empreendedorismo: Uma Revisão da Literatura Sobre os Métodos e Práticas da Educação Empreendedora. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 6(2), 372-401. doi:10.14211/regepe.v6i2.563
- Stadler, A., & Smith, A. M. J. (2017). Entrepreneurship in vocational education. *Industry and Higher Education*, 31(2), 81-89. doi:10.1177/0950422217693963
- Tucker Jr., L. R. (1981). Entrepreneurial Learning Experience: The Academic Responsibility. *Journal of Business Education*, 56(4), 132-135. doi:10.1080/08832323.1981.10117223
- Vanevenhoven, J., & Liguori, E. (2013). The Impact of Entrepreneurship Education: Introducing the Entrepreneurship Education Project. *Journal of Small Business Management*, 51(3), 315-328. doi:10.1111/jsbm.12026
- Vogt, S., & Bulgacov, Y. L. M. (2018). Aprender, Empreender e Aprender: a Perspectiva da Prática para o Entendimento do Processo da Aprendizagem Empreendedora. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, 12(3), 28-43. doi:10.21714/19-82-25372018v12n3p2843
- Vogt, S., & Bulgacov, Y. L. M. (2019a). Aprendizagem Empreendedora: Conhecendo o Passado e Vislumbrando o Futuro *Desenvolvimento em Questão*, 17(49), 247-275. doi:http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2019.49.247-275
- Vogt, S., & Bulgacov, Y. L. M. (2019b). História de Vida de Empreendedores: Estratégia e Método de Pesquisa para Estudar a Aprendizagem Empreendedora. *Rev. Empreendedorismo Gest. Pequenas Empres. - REGEPE*, 8(3), 99-133. doi:https://doi.org/10.14211/regepe.v8i3.1299
- Wang, C. L., & Chugh, H. (2014). Entrepreneurial Learning: Past Research and Future Challenges. *International Journal of Management Reviews*, 16(1), 24-61. doi:10.1111/ijmr.12007
- Wang, C. L., Rafiq, M., Li, X., & Zheng, Y. (2014). Entrepreneurial preparedness: an exploratory case study of Chinese private enterprises. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 20(4), 351-374. doi:10.1108/ijeb-06-2013-0079
- Wang, C. L., Rafiq, M., Li, X., & Zheng, Y. (2015). Entrepreneurial Preparedness: An exploratory case study of Chinese private enterprises. In D. RAE & C. L. WANG (Eds.), *Entrepreneurial Learning: New perspectives in research, education and practice* (pp. 235-262). New York: Routledge Taylor & Francis Group.
- Young, J. E., & Sexton, D. L. (1997). Entrepreneurial Learning: A Conceptual Framework. *Journal of Enterprising Culture*, 05(03), 223-248. doi:10.1142/S0218495897000144
- Zampier, M. A. (2010). *Desenvolvimento de competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: estudo de casos de MPE's do setor educacional*. (Mestrado), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Curitiba.
- Zampier, M. A., & Takahashi, A. R. W. (2011). Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa. *Cadernos EBAPE.BR*, 9(Edição Especial), 564-585. doi:10.1590/S1679-39512011000600007
- Zampier, M. A., & Takahashi, A. R. W. (2014). Competências e aprendizagem empreendedora em MPE's educacionais. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 8(3), 1-22. doi:10.12712/rpca.v8i3.335
- Zhou, M., & Xu, H. (2012). A Review of Entrepreneurship Education for College Students in China. *Administrative Sciences*, 2(1), 82-98. doi:10.3390/admsci2010082